



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS
RESPECTIVAS LITERATURAS
NÍVEL: MESTRADO PROFISSIONAL

NÚBIA SILVA FERREIRA

“VOU TE CONTAR”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de mestre em Ensino da Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Pará.

Área de Concentração: Práticas Pedagógicas: Interface Entre o Ensino de Língua Portuguesa e sua Literaturas.

Orientador: MARCO ANTÔNIO DA COSTA CAMELO

Belém-PA
2023

Núbia Silva Ferreira¹

Marco Antônio da Costa Camelo²

RESUMO: Este artigo: *Vou te contar* apresenta os resultados de uma pesquisa ação, com abordagem qualitativa que objetivou a construção de um produto educacional “Vou te contar: as histórias mais inusitadas do mundo literário”, trata-se de um site com contação de histórias do gênero conto no formato de podcast e com foco no ensino de literatura para alunos do 6º ano do ensino fundamental. A pesquisa foi subsidiada pelas ideias de autores como Lajolo (2002), Silva; Almeida, Santos e Angelis (2017), Paul Zumthor (1993), Darton (1986), Rojo (2012) e Rojo (2017) e norteada pela questão: será que o uso de um site com foco na contação de história em podcast pode contribuir para o incentivo da leitura e interpretação de textos literários na sala de aula? Fez parte da pesquisa etapas de planejamento, observação do seu lócus, construção do produto educacional e a aplicabilidade do produto educacional, análise dos dados obtidos nas etapas de observação, aplicação e validação dos resultados.

Palavras chave: - Ensino de Literatura; Contação de história; Leitura do Texto Literário; Site; Podcast.

ABSTRACT: This article: *I will tell you* presents the results of an action research, with a qualitative approach that aimed to build an educational product “I will tell you: the most unusual stories in the literary world”, it is a website with stories stories in the short story genre in podcast format and focusing on teaching literature to 6th year elementary school students. The research was supported by the ideas of authors such as Lajolo (2002), Silva; Almeida, Santos and Angelis (2017), Paul Zumthor (1993), Darton (1986), Rojo (2012) and Rojo (2017) and guided by the question: can the use of a website focused on storytelling in podcasts can contribute to encouraging the reading and interpretation of literary texts in the classroom? The research included planning stages, observation of its locus, construction of the educational product and the applicability of the educational product, analysis of data obtained in the observation, application and validation of results stages.

Keywords: - Teaching Literature; Storytelling; Reading the Literary Text; Site; Podcast.

1. VOU TE CONTAR NA ESCOLA

“Hoje vou contar para vocês uma história de uma mocinha feliz, esperta e trabalhadora, que morava num lugar muito lindo e que tudo que precisava ela tecia em seu maravilhoso tear...” Essa é uma das maneiras que inicio o conto “A moça tecelã” da escritora Marina Colasanti, em minhas aulas de língua portuguesa, assim como, muitas outras histórias que gosto de contar e ler na sala de aula para os meus alunos.

Contar e escutar é um exercício diário que todos praticamos, mas fazer isso com o texto literário no espaço escolar tem sido uma das melhores experiências vivenciadas por mim e acredito que para os educandos, tem sempre um “conta mais” ou “a senhora não vai contar o resto da história, professora? ”.

A escola ainda é o lugar de compartilhamento de bens culturais produzidos pela humanidade e que muitos só podem ter contato por seu intermédio e entre esses bens culturais

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Em Ensino de Língua e Suas Respectivas Literaturas – PPGEL.

² Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil(2010) Revisor, editor e parecerista da EDUEPA da Universidade do Estado do Pará , Brasil. Professor efetivo da Universidade do Estado do Pará-UEPA.

está a Literatura, por vezes negligenciada e deixada de lado por motivações pessoais e até mesmo fragilidades na formação dos profissionais de Letras. Desta forma, faz-se necessário estudos que objetivem diminuir essas dificuldades e auxiliem o professor de língua portuguesa no trabalho com as obras literárias, o encantamento com as histórias literárias não precisa fugir da escola, pode ser um abraço gostoso e compartilhado em quem se permitir contar, escutar e ler uma boa história.

O tema desta pesquisa insidiu no ensino de literatura, o qual foi delimitado no âmbito da leitura do texto literário. A motivação para realizá-la, partiu de experiências e observações em sala de aula, com o ensino fundamental, em que a leitura do texto literário acontecia de forma escassa e privilegiando o ensino da gramática, quando ocorria, e não ao ensino da literatura, ao estímulo da leitura de obras literárias ao encantamento que essas obras podem proporcionar. E por entender que o trabalho poderia render melhores resultados iniciando pela educação básica, nos anos iniciais do ensino fundamental, optou-se pela escolha de alunos da turma de 6º ano.

No espaço escolar o mal uso do texto literário ainda acontece, sem incentivo efetivo à leitura, compreensão, interpretação e a reflexão, principalmente no que diz respeito ao texto integral, fragmentando-o para o ensino da gramática, por isso, surge a necessidade de se pensar de que forma o estímulo a leitura de obras literárias pode ocorrer dentro da sala de aula? Quais as ferramentas disponíveis para o professor, que o ajude a desenvolver práticas pedagógicas significativas que despertem o interesse do aluno para a leitura de obras literárias?

As novas tecnologias têm feito cada vez mais parte do cotidiano do aluno, assim como o uso de sites para pesquisas e entretenimento, lugares na web de possibilidades de compartilhar. A escola precisa está atenta a essas novidades que fazem parte da realidade dos discentes e pelas quais eles têm interesse e fazer uso delas dentro da sala de aula subsidiando o ensino e o aprendizado, torna-se de fundamental importância. Nesse contexto, foi formulada a seguinte questão norteadora: será que o uso de um site com foco na contação de história em podcast pode contribuir para o incentivo da leitura e interpretação de textos literários na sala de aula?

A pesquisa teve como objeto de estudo o ensino de literatura e como objetivo geral a construção de um produto educacional, o site “Vou te contar: as histórias mais inusitadas do mundo literário”, que possui contação de histórias do gênero conto no formato de podcast, dicas de leituras, as histórias em pdf para ser lidas integralmente pelos discentes, com foco na melhoria do ensino de literatura em sala de aula.

Para a concretização desse objetivo foram estabelecidos como objetivos específicos: planejar a construção do produto educacional, observar o locus da pesquisa, analisar os dados

obtidos na fase de observação, construir um produto educacional, aplicar o produto educacional no espaço escolar, analisar os dados obtidos com a aplicação do produto, validar a aplicabilidade do produto.

Os estudos que viabilizaram a construção desta pesquisa estão em Silva, Almeida, Santos e Angelis (2017) *Aprendizagem de Língua Portuguesa* que discorre sobre gêneros textuais. Em Bastos (2021) com *Histórias compartilhadas: poéticas do movimento e da voz* em que autora compartilha seu gosto por ouvir e contar histórias, assim como, suas vivências na criação do projeto de extensão GRIOT da Universidade do Estado do Pará. Na partilha que Machado (2022) faz de sua experiência em sala de aula, quando silenciou o caos contando para seus alunos *O espelho* conto de Machado de Assis. Quanto a Zumthor (1993) *Letra e voz* fala do poético que há no uso da voz e Zumthor (1997) *Introdução à poesia oral* o autor esclarece a importância da performance do intérprete na prática da poesia oral.

Tem ainda Benjamin em “O narrador” da obra *Magia e técnica arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (2012) demonstra a relevância do narrador, daquele que conta experiências que ele e outros vivenciaram, ainda bem que, não caiu em vias de extinção. Tem ainda Moisés (2006) com *A criação literária: prosa falando a respeito da estrutura do conto*. Em Rojo (2012) *Multiletramentos na escola* fundamentam-se os argumentos para incluir como ferramenta de ensino na sala de aula as novas tecnologias observando a diversidade cultural e de linguagens que existem na escola. Em Lajolo (2002) que problematiza como tem sido realizado o Ensino de Literatura nas escolas e como deve ser feito, de forma dinâmica entre a fantasia presente no texto literário e o imaginário daquele que está lendo, processo fundamental para a formação de um leitor reflexivo.

O presente artigo além das considerações iniciais intitulada de *Vou te contar na escola* que apresenta o leitor sobre a temática discutida e das considerações finais nomeada por *Contar era tudo que queria*, abordando questões inerentes a validação do produto construído, o que responde o teor da questão norteadora da pesquisa. Apresenta a seção *Linha clara para começar o dia* que trata da trajetória metodológica da pesquisa; a seção *Conta de novo* fala sobre a teoria que subsidiou a pesquisa; a seção *Conta de história? É lá na escola!* trata sobre o planejamento, construção, aplicação e análise de dados do produto educacional construído.

2. “LINHA CLARA PARA COMEÇAR O DIA”

O texto literário tem passado por transformações significativas ao longo dos tempos, o próprio suporte em que ele pode ser encontrado transformou-se acompanhando a evolução das novas tecnologias que vão surgindo. O livro de papel em seus vários formatos, até a prova

d'água para crianças brincarem no banho, partiram para a era do virtual e nesse espaço, na web, ganharam outras possibilidades e algumas facilidades, já que é possível carregar vários exemplares em pendrives, tabletes, smartphones nos suportes que as novas tecnologias permitem.

Com essas facilidades entende-se então que o acesso a leitura de obras literárias também ganhou um espaço maior, sim, é uma verdade, porém o trabalho de incentivo à leitura do texto literário continua a exigir da escola e professores um trabalho constante para que a literatura possa chegar aos seus jovens leitores, assim: “Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear” (COLASANTI, -, p. 2), o primeiro contato com a obra literária e oportunizar esse leitor encantar-se ou não. Desta forma, é importante criar estratégias que motivem os educandos para essas obras.

A escolarização do texto literário faz-se necessária para que possa alcançar camadas da sociedade que não teriam acesso a esse tipo de leitura a não ser por intermédio da escola, por isso viabilizar estratégias eficazes que incentivem a leitura desses textos ajuda a amenizar as desigualdades que também ocorrem nessa esfera educacional. Porém tais estratégias não podem ser feitas de qualquer forma, infelizmente, ainda se faz mal uso do texto literário em sala de aula e é preciso entender o quanto isso pode prejudicar na formação desse leitor.

Escolarizar de forma adequada a leitura literária passa por questões sensíveis a quem compreende o texto literário necessário dentro da sala de aula em sua integralidade, a esse respeito Soares (2011) afirma,

Ao lado do acesso ao livro na biblioteca escolar, ao lado da leitura de livros promovida em aulas de Português, a literatura se apresenta na escola sob a forma de fragmentos que devem ser lidos, compreendidos, interpretados. Certamente é nesta instância que a escolarização da literatura é mais intensa; e é também nesta instância que ela tem sido mais inadequada. (SOARES, 2011, p.25)

Ora, se o objetivo é escolarizar a leitura literária e assim viabilizar o acesso dos discentes a obra literária, fragmentos não suprem essa intenção e nem ajudam a um estudo adequado dessas obras, um estudo que desperte reflexão, possibilitando ao leitor e obra uma proximidade maior que leve a compreensão e interpretação do que é lido e ao compartilhamento da leitura como ocorreu com os textos trabalhados na execução do produto educacional, a aluna trouxe sua cadeira até próximo a minha mesa, sentou-se e disse: “professora, a moça não tinha família, ela passou por tudo isso sozinha, que bom que ela conseguiu sair, contei lá em casa e compartilhei o conto no grupo da família”. Compartilhei o meu olhar sobre o conto “A moça tecelã”, minha aluna compartilhou seu olhar com seus familiares e a moça tecelã não está

sozinha na torre mais alta do castelo, porque tenho certeza que essa história tem sido compartilhada por muitos.

O Ensino de Literatura na Educação Básica, principalmente, no ensino fundamental possui lacunas que serão detectadas no ensino médio revelando a dificuldade dos educandos com a leitura de obras literárias, dizem não gostar, será que não gostam mesmo ou como esses textos foram apresentados que é o problema? Essas observações motivaram a realização dessa pesquisa.

Bem se sabe, que no ensino Fundamental não se tem a disciplina Literatura, como acontece no ensino Médio, porém o fomento da leitura e do estudo do texto literário se faz imperativo por se entender que a obra literária faz parte do arcabouço do Ensino de Língua Portuguesa, são questões indissociáveis e necessárias ao currículo escolar em qualquer fase da vida do discente da Educação Básica.

Com o propósito de enfatizar a importância de o Ensino de Literatura estar nas séries iniciais da Educação Básica, percebeu-se que caminhar junto com as novidades tecnológicas que já fazem parte da realidade do educando, essas “novidades”, que não são tão novas assim, servirem de incentivo para a leitura e estudo desses textos em sala de aula mediado pelo professor, com a contação de histórias por meio de podcast, em um site de fomento ao incentivo da leitura do texto literário.

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Valente Ribeiro que fica localizada na periferia de Belém, bairro da Cabanagem. A escola possui biblioteca que está em fase de implementação do sistema de empréstimos, o que facilitou o acesso do aluno a outras obras literárias além daquelas disponibilizadas na aplicação do produto aqui construído.

O objetivo é que os educandos façam suas leituras espontaneamente e não tenham o texto literário como pretexto para o ensino/aprendizagem da gramática e sim para uma leitura reflexiva, sobre a temática, sobre a linguagem empregada, por que não? Levando em consideração sua estrutura específica, sua importância no momento histórico em que surgiu, nos lugares em que são ambientadas e enquanto arte da palavra. Levando em consideração também, o que informou a professora da turma sobre as dificuldades que os discentes possuíam em identificar informações explícitas nos textos.

Para conhecer mais a fundo o problema, realizou-se uma pesquisa-ação, de natureza exploratória, descritiva e explicativa foi feito um levantamento bibliográfico com autores estudiosos do assunto, aplicação de questionário com os alunos para entender melhor o perfil

da turma seus gostos e hábitos. A natureza da abordagem deu-se de forma qualitativa o que objetivou na compreensão e explicação do problema tratado.

Quanto à análise dos dados obtidos, ocorreu de maneira qualitativa, buscou-se estudar com cuidado as respostas dadas pelos sujeitos envolvidos na pesquisa para o desenvolvimento do produto com atividades que tivessem relevância e despertasse o interesse dos educandos.

3. CONTA DE NOVO...

Durante a experiência vivida na sala de aula com o texto literário, “conta de novo” foi o que mais ouvi, as crianças ou pré-adolescentes, como eles preferem ser chamados, “conta de novo, professora” e de novo foi contado, de novo foi lido, por mim, por eles e repetidas vezes o podcast foi acionado, para lembrar a parte preferida, algo que passou despercebido e o texto literário foi celebrado durante as aulas, de escuta e leitura destas obras “A moça tecelã” de Marina Colasanti, a mais demorada, e o “Roubo do fogo” mito do povo Guarani de Daniel Munduruku.

O trabalho com o texto literário na educação básica a partir dos anos iniciais do ensino fundamental é uma prerrogativa que faz parte do Documento Curricular Do Estado do Pará, que compreende ser essa fase a

de transição entre a educação infantil e o ensino médio, é também o tempo da efetiva formação política, da formação da consciência crítica, da consolidação dos valores, da descoberta de sentimentos. (DECEPA,2018, p.90)

O documento oficial do Estado afirma ainda, que o trabalho desenvolvido pelas escolas afeta a constituição identitária dos educandos. O estudo do texto literário nesta fase inicial de formação do aluno é ainda mais relevante por se tratar de um aprendizado que o acompanhará durante toda a sua trajetória escolar, fortalecendo bases necessárias que o ajudarão no ensino médio, ampliando o seu conhecimento de mundo e o seu olhar para dentro, de perceber histórias que ainda que contadas por outros, também são suas, de se reconhecer pertencente a trajetória da moça tecelã, de Nhanderequeí e seus amigos na busca de seus objetivos.

Observando as orientações do DECEPA (2019), quanto ao papel da escola na constituição identitária dos estudantes, fica clara, a importância e responsabilidade do planejamento do professor para o desenvolvimento de suas aulas, pois elas irão nortear todo um trabalho que será feito depois.

O professor de Língua Portuguesa precisa cumprir o seu papel no planejamento do ensino do texto literário, de acordo com Lajolo (2002, p.23) “o professor de Português pode não gostar de Camões nem de Machado de Assis. Mas precisa conhecê-los e ser capaz de

explicá-los. ” O aluno não pode ser prejudicado em sua vida escolar, no ensino que lhe é garantido por direito que ele possua, ou mais grave ainda, que questões pessoais de gosto ou falhas na formação do docente impeçam que ele o tenha.

Chamar a atenção para esses posicionamentos faz-se necessário por existir falas que sustentam não ser o Ensino de Literatura importante dentro do currículo escolar, como, não é? Deixar para trás todos esses personagens e suas histórias lindas de superação e coragem, fantasia e encantamento, magia e imaginação? Mas Lajolo (2002, p. 22) sustenta que “O professor de Português deve estar familiarizado com a história de ensino da Língua Portuguesa no Brasil, com a história da alfabetização, da leitura e da Literatura” dizendo que só assim ele perceberá que se trata de um processo que não começa e, muito menos, se encerra nele, que valorizar o esforço de profissionais que vieram antes está intimamente ligado em avançar na melhoria daquilo que é ensinado em sala de aula.

Quando o profissional habilitado em licenciatura plena em Letras tem consciência da responsabilidade de sua formação, compreende que é um dever compartilhar com seus alunos o conhecimento adquirido, pois para isso foi habilitado. Esses saberes fazem parte de um acervo construído ao longo da história por muitos profissionais competentes que investiram seu tempo e esforço em estudos que visassem o aperfeiçoamento do trabalho do professor de Língua Portuguesa com o ensino do texto literário.

A literatura enquanto arte encanta e humaniza. Antônio Candido em sua obra “O direito à literatura” fala sobre o papel humanizador que a obra literária possui e por isso é direito de todo indivíduo ter acesso a esse bem cultural e a escola como nos diz Silva, Almeida, Santos e Angelis (2017, p. 97) “tem um papel central para esse desenvolvimento, até porque nem sempre a primeira experiência de leitura de uma pessoa acontece no ambiente familiar. ”. As autoras pontuam que a experiência com a leitura de textos literários é fundamental na formação da sensibilidade para o estético, amplia a visão de mundo da criança.

Ao dispor do professor existe uma grande variedade de obras literárias nacionais e estrangeiras que podem fazer parte de seu repertório de trabalho, assim como, usadas em sala de aula, essa diversidade de textos faz parte do processo adequado de escolarização da leitura literária, segundo Soares (2011)

Uma seleção limitada de autores e obras resulta em uma escolarização inadequada, sobretudo porque se forma o conceito de que literatura são certos autores e certos textos, a tal ponto que se pode vim considerar como uma deficiência da escolarização o desconhecimento, pela criança, daqueles autores e obras que a escola privilegia (SOARES, 2011, p. 28)

Soares (2011) diz ainda, que a seleção de textos: gêneros, autores e obras são aspectos principais da leitura de textos na escola. A escolha do que será trabalhado com os alunos passa pela ação criteriosa do docente, pois são suas ferramentas de trabalho e ele precisa conhecer bem seus instrumentos de ofício, Silva, Almeida, Santos e Angelis (2017, p. 100,101) esclarecem que “além de o docente gostar de ler e de ser leitor, quando são escolhidos bons textos literários e feitas boas mediações de leitura ele oportuniza aos seus alunos não só o sonhar, o imaginar, mas também a participação ativa da construção de sentidos do textos”. Boas mediações realizadas pelo professor ajuda os alunos alcançarem uma profundidade que provavelmente eles ainda não conseguiriam sozinhos.

3.1. Contar para ler, ler para contar

Quantas crianças tiveram a oportunidade de ouvir histórias contadas por seus pais, antes de dormir, na primeira infância? Quantas tiveram o privilégio de ter seus pais lendo uma história literária para seu deleite? Quem estiver lendo esse artigo que tenha por resposta, eu sim! Sim, é um privilégio! Porém nem sempre é possível viver essa experiência na tenra idade, no caso da segunda pergunta, principalmente, alguns pais não sabem ler, ou não possuem uma rotina de leitura com os filhos, por vários motivos como: excesso de trabalho e pouco tempo para outras atividades, ou não reconhecem como necessário esse tipo de interação.

O contar e ouvir aproximam as pessoas, um pacto é firmado entre quem conta e escuta, para que a história possa tomar seu rumo. Será que existe alguém que não goste de ouvir histórias? Não, necessariamente, histórias literárias que este trabalho defende o incentivo à leitura, mas histórias de experiências vividas, aquelas que Benjamin (2012, p. 213) falou que o narrador que as contava estaria em vias de extinção

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

O autor aponta para a informação como prejudicial as narrativas, essas de troca de experiências, que requer tempo, a informação tem pressa e vida curta, vale no momento, afirmando “A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes” (BENJAMIN, 2012, p. 219) é tudo muito explicado, o que nada favorece a narrativa, diz ele. Parece até que estava prevendo os tempos atuais, de muitas

informações, muitas explicações e pouco tempo para assimilá-las. O narrador resistiu, o contador de histórias resistiu e quem goste delas resistiu,

Gosto de histórias e gosto desde sempre, nem sei como seria viver sem elas, sejam orais, sejam escritas, visuais... estou sempre em volta delas e elas de mim. Ser professora é ser Contadora de Histórias e ouvir as histórias de alunos e alunas que, também, além de ouvintes contam suas histórias e nos dizem como são, de onde vêm, seus passos e até onde podemos acompanhar. Histórias são as nossas grandes possibilidades de ensinar e aprender. No meu caso, vem de longe, lá da infância (BASTOS, 2021, p. 7)

A escola é esse espaço de trocas de experiências, de conhecimentos, lugar em que o planejamento possibilita tempo e espaço para dizer e ouvir, o tempo na escola também é limitado, cumprir o currículo requer um esforço, mas como nos diz Bastos (2021) há espaço para o professor contar suas histórias e ouvir as histórias de seus alunos, espaço para trocar experiências, cabe no currículo escolar e o texto literário pertence a esse currículo.

Certa vez, em 1997, Regina Machado (2022) que ministrava aulas de Educação Artística em uma escola em São Paulo, deparou-se com uma turma de adolescentes barulhentos, preocupados em interrogar “todos os mundos do mundo” disse ela, os pré adolescentes também são assim, achei uma expressão bem apropriada ao que eles fazem. Diante daquele caos que muitos poderiam olhar e realmente entender assim, afirma a autora, ocorreu-lhe de contar o conto *O Espelho* de Machado de Assis, o planejamento que fizera antes, parecia descabido para aquele momento, outro precisou ser acionado,

Ao findar o relato desse conto a meus adolescentes percebi um silêncio denso e impressionante preenchendo o espaço da sala, que me deixou perplexa. O caos havia desaparecido (MACHADO, 2018, p. 50)

O contar na escola existe há um bom tempo e enquanto espaço democratizador do conhecimento, o ambiente escolar precisa arcar com essa responsabilidade, de partilhar obras literárias, como bem foi demonstrado no DECEPA (2019), quando o professor sabe munir-se de boas estratégias para chamar a atenção do estudante abre portas para uma vivência com o texto literário significativa e prazerosa.

Assim sendo, estimular a leitura do texto literário no ambiente escolar torna-se imperativo, para que todos os educandos tenham oportunidades iguais de conhecer esse bem cultural e usufruir de seus benefícios na formação de sua identidade pessoal, cultural, social, profissional, afetiva enquanto cidadão atuante no meio em que vive. Se essa atividade será um hábito para a vida, trata-se de uma decisão que caberá individualmente a cada um, entende-se aqui, que deve ser uma escolha e não uma omissão, uma falha do ambiente escolar.

A estratégia do contar para formar leitores de textos literários, encontra-se em projetos de extensão importantes como o criado pela professora Renilda Rodrigues Bastos (2021) em 1999 O GRIOT- Grupo de Contadores de Histórias da UEPA que nasceu dentro da sala de aula, que lugar encantador para nascer contadores e contadoras de histórias! Com seus alunos da graduação,

Assim, perguntei na sala, depois de algumas aulas, quem gostaria de fazer oficinas de leituras para criação de um grupo de contadores de história e foi assim que tudo começou. Vieram alunos e alunas do Curso de Formação de Professores do Pré-Escolar à 4ª série. Fazíamos leituras, decorávamos repertório de variados textos da literatura universal, textos ditos infantis... à escolha deles e delas” (BASTOS, 2021, p. 15).

Iniciativa que reafirma a importância do olhar do professor para as necessidades dos alunos e como uma formação adequada desse profissional fará a diferença em como ele vai tratar os conteúdos que serão ministrados em sala de aula, sem deixar de lado, muito pelo contrário, levando em consideração o encantamento que a obra literária possui.

A escola precisa assumir sua posição democratizadora do conhecimento que deve ser compartilhado por todos e o texto literário faz parte desse contexto, aliado às novas tecnologias torna-se uma potência para ajudar no processo de ensino aprendizagem, no desenvolvimento de novas habilidades e no aperfeiçoamento de antigas. A habilidade de contar histórias é algo inerente a muitos povos, em muitas culturas que antes da escrita mantinham suas tradições e o conhecimento adquirido pela comunidade passando dos mais velhos aos mais novos, foi ensinado antes, não pode ter sido perdido, não foi.

As histórias de aventuras, dos guerreiros, da sabedoria medicinal, os ritos eram contados para que não se perdessem no tempo e mesmo com o advento da escrita, o contar ainda se faz presente nos dias atuais, estão em novos suportes como: na internet com redes sociais, sites, podcast e outras plataformas com alcance muito maior de pessoas que antes se reuniam em torno da fogueira, por que não agora, se reunir em torno do computador, celular, tablete, caixas de som, tecnologias que chegaram para revolucionar a maneira de se comunicar nos dias de hoje e contar? Bastos (2021, p. 15) diz “Afinal, contar histórias é a arte de contá-las sempre, de novo e essa arte pode se esvaír se histórias não forem recontadas, assim pensava Walter Benjamin”. De acordo com Celso Cisto (2007) o contar exige muito esforço e preparo, esclarecendo que,

Contar história é a união de muitas artes: da literatura, da expressão corporal, da poesia da música, do teatro.... Não há como ignorar esse quê de performático do contar histórias. Ainda que o foco maior seja apenas a voz e o texto, projetados no espaço, para atingir uma plateia. A utilização apenas

desse dois elementos, voz e texto, por si só já bastaria para caracterizar o cênico e o dramático. (CISTO, 2007, p. 39)

E como não falar, das histórias populares, contos de fadas, fábulas, anedotas que chegaram aos dias de hoje, poéticas da oralidade que fazem parte do nosso dia, contadas pelos povos africanos, indígenas, europeus que chegaram aos dias de hoje porque foram contadas e recontadas de geração para geração e depois recolhidas e passadas para a escrita e ainda assim, lidas e contadas, quem não gosta de ouvir uma boa história? Darton (1986) ao aprofundar seus estudos sobre contos populares mostra que ao longo do tempo essas histórias sofreram alterações de acordo com o lugar para onde iam, mas continuaram seu destino de estar no contar,

Na verdade, no entanto, os contos populares são documentos históricos. Surgiram ao longo de muitos séculos e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais. Longe de expressarem as imutáveis operações do ser interno do homem, sugerem que as próprias mentalidades mudaram. (DARTON, 1986, p.26)

Quando se lê e conta, quando se ouve e conta exige da memória para recontar. Ao contar a pessoa não tem o auxílio do escrito naquele momento, puxa-se pelas lembranças, busca-se na memória os fatos ouvidos, nas lacunas que a memória pode deixar complementa-se, renovando a história, atribuindo a ela fatores da realidade do contador, de sua percepção e de um contador a outro muda-se até a maneira de contar.

Ao se tratar do texto literário entra a magia do poético que Zunthor (1993, p. 139) diz “A voz poética é, ao mesmo tempo, profecia e memória”. O contador é poeta na execução de sua performance, Zunthor (1997, p. 221) esclarece que “Poeta subtende vários papéis, seja tratando de compor o texto ou de dizê-lo” e que importância tem o papel do poeta contador, executante da história que será narrada, o autor afirma que,

Em toda prática da poesia oral, o papel do executante conta mais que o do compositor. Não que ele o ofusque completamente; mas manifesto na performance, contribui mais para determinar as reações auditivas, corporais, afetivas do auditório, a natureza e a intensidade do seu prazer (ZUNTHOR, 1997, p. 222-223)

O texto e o contador juntos tornam-se um corpo só para ir ao encontro dos ouvintes e quando a voz é tudo que o ouvinte tem, o corpo é construído pela voz, a imaginação é aguçada e os castelos passam a existir, cria-se dia e noite no tear, o sapo cururu guarda a brasa em sua boca e uma aranha passa por todos os desafios para conquistar o direito de ouvir boas histórias, nesses momentos de partilha de voz e escuta.

Entende-se desta forma que, a leitura de mundo, assim como, a leitura da palavra pode ser material rico para o contar. O texto literário também faz parte dessa fonte de inspiração para

a contação do fictício, que pode ser a realidade de muitos alunos, ou que muitos ignoram e passam a conhecer ou de discutir uma realidade que precisa ser problematizada e fazer parte da formação cidadã do educando, há vida na literatura e é para a vida que a escola prepara o aluno.

3.2. Vou te contar sobre os gêneros do discurso

A vida segue na escola, a vida do aluno, a vida do professor e a vida requer nem que seja um tantinho de organização. O trabalho do professor de qualquer disciplina exige planejamento, estratégias para lidar com o conteúdo que será trabalhado em sala de aula, o ensino do texto literário não é diferente. Em *Aprendizagem de Língua Portuguesa* de Silva, Almeida, Santos e Angelis (2017) as autoras mostram como documentos oficiais que regulam o ensino no Brasil como os PCNs de 1997 falam sobre como deve ser o ensino de Língua Portuguesa baseadas em práticas de ensino que façam sentido, o ensino da Língua Materna em situação de uso, ganhando vida dentro de práticas sociais que façam parte da realidade do estudante.

Os gêneros discursivos passam, dessa forma, a se afirmar dentro do currículo escolar no ensino de Língua Portuguesa, a língua enquanto discurso, algo vivo, e o texto não mais como um conjunto de regras a serem aprendidas, fica evidente a necessidade de promover práticas de ensino e aprendizagem com diferentes textos que circulem no meio social.

Vale ressaltar também que o trabalho com os gêneros textuais colabora na organização de atividades criativas que perpassam pela leitura, escrita e oralidade. No livro supracitado as autoras analisam que os PCNs sugerem o trabalho em ciclo, um gênero textual que foi trabalhado no 4º e 5º ano, por exemplo, pode ser retomado no 6º e 7º ano com abordagem diferente, é claro, ampliando e aprofundando o conhecimento adquirido para os anos seguintes.

Atualmente, como documentos reguladores da educação no Brasil está o Documento Curricular do Estado do Pará (2019) voltado para o ensino infantil e fundamental, que toma como base a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para as formulações do ensino que levem em consideração particularidades da educação que acontece de forma local, a Literatura Paraense, por exemplo, é contemplada, valorizando produções literárias que fazem parte do contexto social do aluno que ele poderia não ter acesso se não houvesse essa iniciativa.

O DECEPA (2019) reafirma que o ensino de Língua Portuguesa toma como base os gêneros discursivos e não os conteúdos gramaticais como forma de progressão e articulação curricular.

O ensino de Literatura está intimamente ligado a essas práticas sociais que os gêneros discursivos abarcam apresentando-se no conto, no poema, na novela, no romance, na crônica,

no texto teatral e tantos outros que pertencem ao literário e podem ser usados dentro da sala de aula aprimorando o conhecimento dos alunos.

3.3.Nem te conto... ou conto?

A moça tecelã criava seu dia e noite, criava sua felicidade e criava suas tristezas, ainda que não intencionalmente, as tristezas, seu desassossego veio pela intenção de ter companhia e felicidade e foi feliz por um tempo, diz a história. Nhanderequeí foi atrás de ter alimentos cozidos, porque se ficasse esperando os urubus compartilharem as brasas, dificilmente conseguiria seus objetivos. Ananse, foi ao encontro de Nyame, Deus do céu, por achar que um baú cheio de histórias não tem valor algum se elas não são contadas, Walter Benjamin concordaria com ele, Eu concordo! Todas essas histórias foram escolhidas para serem contadas e lidas em sala de aula.

A escolha do conto favorece no sentido de ser uma narrativa curta de trama única, facilitando o foco dos alunos e sua compreensão do enredo, Massaud Moisés (2006, p. 45) ao falar sobre esse gênero, afirma “De onde a objetividade do conto: desprezando os desvios e atalhos narrativos, concentra-se no âmago da questão em foco”, o autor diz ainda, que no conto tudo há de convergir para uma única impressão relatando que ele opera com ação e não com caracteres. O professor nesse sentido precisa explorar essas particularidades da narrativa e conhecer bem a turma para saber de seus interesses e assim vislumbrar o que pode chamar ou não atenção dos alunos. Durante as aulas os alunos comentaram bastante as ações dos personagens das histórias se colocando no lugar, falando de como agiriam ou não se fosse com eles, “professora, foi isso mesmo? Ele colocou a brasa na boca? Eu não faria isso!”, disse um dos educandos.

Existem uma infinidade de boas obras literárias com bons autores nacionais ou estrangeiros que assumem a forma de conto, histórias que podem ser lidas em uma manhã, pela tarde, à noite, em um momento breve, porém podem manter-se na memória de quem leu por tempo indeterminado, pela densidade de sua narrativa ou intensidade e valor de sua temática, porque o fato de ser uma narrativa curta, não significa que seja menor em profundidade, ou que exigirá menos quanto a reflexão de seu leitor. A escolha do professor faz toda a diferença para o propósito que ele tenha com o texto escolhido, Regina Machado (2022) que o diga.

Nessas narrativas, de acordo com Cascudo (1984, p. 193) “Se examinarmos em seu todo o domínio do Conto, aí encontraremos também uma infinidade de fatos das mais diversas espécies, todos eles ligados, ao que parece, por certa maneira de representar as coisas” em suas observações do que seriam Conto o autor explica que seria impossível aplicar essa forma ao

universo, fatos no conto, continua ele, não precisam ser forçosamente maravilhosos, refletindo que não são no universo, a questão é que os fatos como são encontrados no Conto, só podem ser concebidos no Conto, concluindo que “pode aplicar-se o universo ao conto e não o conto ao universo”.

Para o uso em sala de aula o docente tem nas mãos uma ferramenta potente a seu ofício, por meio da qual pode refletir junto com seus alunos sobre o texto literário, literariedade, qualidade estética, temáticas relevantes que façam parte do contexto social do educando, Abreu (2006) na obra *Cultura Letrada: literatura e leitura* a autora exemplifica por meio de comparações a diferença entre textos literários e não literários um exercício que pode ser feito na escola.

O gênero discursivo conto aparece no Documento Curricular do Estado Pará (2019) voltado para 6º ano do ensino fundamental da seguinte forma (EF67LP30) criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, humor, narrativas de enigmas, demonstrando a diversidade de histórias que podem ser exploradas no ensino aprendizagem de Literatura. Os descritores do DECEPA (2019) orientam para mais, dizendo que o aluno deve (EF69LP49)

Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo com texto que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação as suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se em suas margens linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor (DECEPA, 2019, p.132)

O documento preocupa-se em demonstrar o cuidado que deve se ter com a leitura desses textos a partir do ensino fundamental embasando os estudantes com conhecimentos que se voltam a particularidades da obra literária tratando-a como ela é, um bem cultural, que pode ser provocadora por oferecer desafios e encantamento justamente pela superação desses desafios que a narrativa muitas vezes impõe, possibilitando aos discente crescimento e maturidade com a leitura.

3.4. Tecer era tudo que faziam. Tecer era tudo o que queriam fazer

Para que esse trabalho pudesse ser desenvolvido, fez-se necessário escolher entre tantos textos literários bons, apenas três, que compuseram o produto aqui construído, que seguiram alguns critérios de escolha, como um conto de fadas moderno que tivesse como temática a questão da violência contra a mulher, um conto africano para que pudesse ser falado sobre a riqueza das narrativas africanas, uma exigência que se faz em lei e precisa ser colocada em

prática em sala de aula e um conto indígena, obedecendo ao critério da anterior mostrando a diversidade de narrativas que existem e que precisa fazer parte do repertório de leituras dos educandos e a escola não pode eximir-se desse papel de democratizadora dos bens culturais construídos pela humanidade.

No que concerne ao conto de fadas moderno, a escolha foi pela obra da escritora Marina Colasanti (1997) que resume bem o que é o conto com sua escrita literária “Gosto de dizer o máximo com o mínimo” assim é a boa contista, a autora nasceu em Asmara, na Etiópia (África), veio para o Brasil por causa da segunda Guerra Mundial, aos onze anos onde se radicou.

A obra escolhida como uma das narrativas contadas em podcast e depois lida pelos alunos em pdf e texto impresso foi *A moça tecelã*. Nessa narrativa a autora demonstra toda a sua genialidade, sensibilidade e habilidade de concisão no dizer breve com profundidade, provocando no leitor uma sensação de leveza e felicidade que vai se dissipando chegando ao incômodo que ele vai descobrindo com o desenrolar da história.

As personagens de Marina ficam nesse lugar mágico construído por ela no texto literário, mas suas emoções e vivências são carregadas e misturam-se as vivências daquele que vive a história pela leitura sensível, forte, corajosa, como são as narrativas de Colasanti, considerada uma das maiores escritoras do Brasil.

Formou-se pela Escola Nacional de Belas Artes, dedicou-se as gravuras inclusive as ilustrações do livro *Bem longe como o meu querer* são dela, foi jornalista, trabalhando como repórter, produtora, editora, publicitária e tradutora de muitas obras.

Marina lançou seu primeiro livro em 1968 escreveu literatura infantil, juvenil e adulta são muitas as suas publicações literárias. Ler Marina é deleitar-se em universo mágico familiar que não fica longe, pelo contrário, está ao alcance da sensibilidade do leitor.

Outra obra escolhida foi *A história das histórias* presente no livro *Contos Africanos* que tem por organizadora dos textos Andréia Baía Prestes, assessoria sobre temática africanista Marcos Silva da Silveira e ilustrações Caroline Dal’Maso Bogo. Um trabalho relevante para se conhecer melhor as narrativas do povo africano e que traz ainda a história do povo Ashanti, ao qual a história contada pertence, fala também de sua localização na África, conta sua história, peculiaridades de sua cultura, familiarizando o leitor com o texto literário e o local de onde ele veio.

Os símbolos da cultura Ashanti estão no texto literário, daí a riqueza maior e a possibilidade dos discentes terem contato por meio da leitura com uma cultura diferente da sua e que não deixam de conversar, por ser o povo africano um dos pilares na formação do povo

brasileiro, ainda que assim se tenha feito, dentro de um contexto doloroso da história da colonização de terras brasileiras, como foi o tráfico de escravizados africanos. Com a inteligência e a esperteza do herói da história literária, o aluno conhece um dos modos de olhar para o mundo do povo Ashanti.

A Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional/LDB 9.394 de 20 de dezembro de 1996 estabelece no art. 26-A que “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” , mostrar aos alunos textos literários que compõem sua história, sua formação enquanto cidadão brasileiro e que essa composição deu-se também por povos que foram invisibilizados, mas resistiram! Também é fundamentalmente papel da escola e do professor de língua portuguesa.

E por fim a história *O roubo do fogo*. Presente no livro *Contos indígenas* de Daniel Munduruku (2005) que traz os mitos dos povos indígenas, organizando, ou dando resposta aquilo que não se sabe, preenchendo lacunas que o desconhecido insiste em abrir. Histórias que são frutos de resistência na luta ativa do autor em falar e defender as causas indígenas, não só de seu povo Munduruku, mas de outros povos, histórias invisibilizadas pelo massacre imposto aos povos indígenas no período de colonização das terras brasileiras pelos portugueses, mas resistiram, agora estão presentes! Vivas!

Ativista indígena brasileiro, Daniel Munduruku é formado em Filosofia, com licenciatura em História e Psicologia, integrou o Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo onde fez seu Doutorado sendo pesquisador CNPq, integrando o Grupo de Pesquisa Discriminação, Preconceito, Estigma. Como professor lecionou durante dez anos e atuou como educador social de rua pela pastoral do menor em São Paulo. Também esteve em vários países da Europa participando de conferências e ministrando oficinas culturais para crianças, é ator, atualmente está no elenco da novela *Terra e Paixão* da Rede Globo de televisão com a personagem Pajé Jurecê.

Daniel Munduruku é autor de 62 livros e ganhador de vários prêmios entre eles, o Jabuti, em muitas de suas obras estão as que são voltadas para o público infantil e juvenil *Coisa de índio* e *As serpentes que roubaram a noite*, por exemplo, foram premiados com menção de livro altamente recomendável pela FNLIJ, o livro *Meu avô Apolinário* foi escolhido pela UNESCO para receber Menção honrosa no Prêmio Literatura para crianças e jovens na questão da tolerância, como informa o site da Editora Global (2023).

Os contos reunidos por Daniel Munduruku (2005) em *Contos indígenas* fazem parte do acervo de contos que agora também estão na modalidade escrita, sem deixar a modalidade oral

da língua, porque o contar foi realizado pelos anciãos de cada povo ali representado e, assim se fez, pelo contar ser parte do processo que vivifica essas histórias, trata-se da educação da mente afirma o autor,

Ora a educação da mente para compreender esta concepção passa pela existência dos contadores de histórias. Quem são eles? São os que trazem para o presente o passado memorial. São aquelas pessoas, homens e mulheres, que assumiram o papel relevante de “*manter o céu suspenso*” conforme compreensão Guarani. São os que leem e releem o tempo tornando-o circular. São os responsáveis pela educação da mente (MUNDURUKU, 2009, p. 27)

Histórias preservadas por seus guardiões, nas poéticas orais do educar, chamando-os de guardiões da memória, quase sempre velhos, diz ele, guardam a memória ancestral, fonte de resistência, de vida, de sentido. “O roubo do fogo” é a narrativa que Walter Benjamin (2012, p. 2014) considera as melhores, que são aquelas “que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”, que passaram de boca em boca, fonte a que recorrem todos os narradores, afirma. Contar a si mesmo, é contar sobre seu povo e a riqueza de suas vivências, assim faz o narrador, assim faz o contador de histórias, assim ensina e aprende.

3.5.O contar no site, o contar em podcast

O trabalho pedagógico é um exercício constante de se olhar para as necessidades educacionais dos alunos dentro de sala de aula e viabilizar condições de aprimorar o processo de ensino aprendizagem.

Trazer para as práticas pedagógicas ferramentas que fazem parte da realidade dos educandos, com as quais eles se sentem à vontade e passam boa parte do tempo ligados ou melhor, conectados, merece ser levado em consideração no planejamento do professor que tem interesse por uma abordagem que parta dos interesses e gostos dos estudantes, que olha para a diversidade que existe dentro da sala, Rojo (2012) ao falar do Grupo de Nova Londres que tinham como proposta “Uma pedagogia dos multiletramentos” disse,

Nesse manifesto, o grupo afirmava a necessidade de a escola tomar a seu cargo (daí a proposta de uma “pedagogia”) os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, em grande parte – mas não somente – devido as novas TICS, e de levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado e caracterizada pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com a alteridade. (ROJO, 2012, p.12)

Uma educação voltada para problemas que fazem parte do cotidiano dos alunos de sua realidade social que contemple a todos, mulheres, negros, indígenas, imigrantes que não falam

a língua nacional, para falantes do dialeto não padrão, apropriada para todos os contextos de fatores de diversidade local e conectividade global cada vez mais críticos afirmavam os integrantes do GNL

Educação esta, que estimule a criticidade, incomodada com as injustiças e preconceitos que são manifestados dentro da escola por ela promover o encontro dos iguais e diferentes, assim como ocorre no mundo virtual só que em proporções gigantescas por serem plataformas que conectam e compartilham informações entre pessoas do mundo todo em escala global, tanto para o bem, quanto para o mal e a escola não pode manter-se alheia a essas inovações.

Para tanto, a questão norteadora se faz necessária: será que o uso de site com contação de histórias em podcast podem contribuir para o incentivo da leitura e interpretação do texto literário em sala de aula? Rojo (2017) em seu trabalho *Entre Plataformas, ODAS e Protótipos: Novos Multiletramentos em Tempos De Web* citando Moran (2008) estabelece uma crítica ao fato de,

A escola ser previsível demais, burocrática demais, pouco estimulante para os bons professores e alunos. Não há receitas fáceis nem medidas simples. Mas essa escola está envelhecida nos seus métodos, procedimentos, currículos. A maioria das escolas e universidades se distanciam velozmente da sociedade, das demandas atuais (MORAN, 2008 apud ROJO, 2017, p.2)

Diferente do que afirma Moran (2008) apud Rojo (2017) a escola ainda é uma organização significativa, precisa voltar a ocupar seu lugar de inovação e empreendedorismo. Incluir as novas tecnologias como instrumento de trabalho do professor a serviço do ensino aprendizagem de Literatura é entender que a escola está cumprindo sua missão de perceber as necessidades, preocupações, curiosidades do aluno e estabelecer metodologias contemplem sua vida, o seu cotidiano. Quando a escola centra seus objetivos no aluno o resultado é despertar o interesse e a curiosidade para que ele se envolva com as atividades que ajudarão no seu desenvolvimento intelectual e humano apto no exercício de sua cidadania.

4. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS? É LÁ NA ESCOLA!

E feliz foi, durante algum tempo (Marina Colasanti)

O local onde aconteceu a aplicação do produto educacional foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Valente Ribeiro (JVR), localizada na cidade de Belém em um bairro de periferia por nome Cabanagem.

FIGURA 1 Escola José Valente Ribeiro

FIGURA 2 Ginásio de esportes da Escola JVR



FONTE: google.com



FONTE: google.com

A escolha dessa instituição de ensino justificou-se por ser uma escola que apresenta condições necessárias para o trabalho com as tecnologias que foram empregadas no decorrer da aplicação do produto e também pelos alunos relatarem que leem pouco, ou não terem leituras literárias em seu repertório. O contato de alguns com o texto literário foi por meio do livro didático e pelas respostas obtidas, não foi o texto completo.

A escola, por sua vez, tem uma estrutura muito boa, passou, recentemente, em 2022 por reformas, as instalações estão em perfeito estado, as salas são relativamente amplas e comporta em média trinta e cinco alunos por turma, mas em sala são mais de quarenta alunos. Com a reforma foram compradas inclusive cadeiras e quadros novos, assim como, instalado ar refrigerado nas salas e rede de internet para o uso da comunidade escolar.

A turma que participou da pesquisa pertence ao 6º ano do ensino fundamental, possuem faixa etária de onze e doze anos, no início da aplicação do produto no mês de agosto eram 19 meninos e 17 meninas total de 36 alunos, porém mais quatro alunos chegaram no mês de setembro, 3 meninos e 1 menina completando 40 alunos na turma, alguns deles têm acesso à internet em casa e possuem smartphones, informações essas obtidas, por meio do questionário que tinha a pergunta “Quantos alunos existem na turma? Quantos de cada gênero?”.

Para melhor conhecer o contexto social dos educandos foi elaborado e aplicado como instrumento de coleta de dados um questionário diagnóstico com perguntas abertas buscando saber informações relacionadas as leituras que gostam de fazer, se ficam muito tempo conectados à internet, o que eles gostam de ver na internet, se fazem leituras de textos literários e se procuram leituras em bibliotecas virtuais, se possuem arquivos em pdf de livros literários.

No dia da aplicação do questionário a turma estava completa trinta e seis alunos, todos se mostraram disponíveis para responder e participar da dinâmica, expliquei a eles o motivo das perguntas e que se tratava de uma pesquisa de mestrado para elaboração de um produto educacional que viabilizasse o estudo do texto literário por meio de site com contação de

histórias literárias em que poderia ser possível ouvir contos, ler os textos de autores que escreveram essas obras literárias e participar de jogos relacionados as narrativas lidas. A turma mostrou-se motivada com a proposta.

A atividade de responder ao questionário durou o tempo de uma aula, os alunos fizeram perguntas, tiraram dúvidas. No que desrespeito a análise dos dados, muitos alunos disseram ler gibis, mangás e a principal resposta foi o livro didático, algumas obras literárias que disseram conhecer tiveram contato por meio desses gibis que fazem releituras de narrativas como Branca de Neve, Cinderela e outros, porém foi frequente os discentes mencionarem o livro da escola como primeiro contato com o texto literário e conhecer por fragmentos para resolução de alguma atividade. Com os dados em mãos os próximos passos foi seguir para o produto.

4.1.Vou te contar: as histórias mais inusitadas do mundo literário

Em tempos antigos os *Guarani* não sabiam acender fogo. Na verdade eles apenas sabiam que existia o fogo, mas comiam alimentos crus, pois o fogo estava em poder dos urubus (Daniel Munduruku)

O produto desta pesquisa tratou da criação de um site de contação de histórias em podcast, elaborada para alunos do 6ºano da educação básica do ensino fundamental, que possui postagens de contos de fada moderno, conto africano, conto indígena, assim como, informações sobre autores, como também, o texto literário na íntegra no formato de pdf e jogos sobre as histórias contadas, “O roubo do fogo” de Daniel Munduruku que inicia essa subseção, está no site.

O site tem a página INÍCIO que situa os leitores sobre que é a pesquisa e o objetivo do produto educacional construído. Apresenta também a página AUTORA, onde falo um pouco da minha caminhada profissional, das obras que fizeram parte da minha trajetória enquanto pesquisadora na graduação, especialização e agora no mestrado, logo em seguida, tem o espaço DICAS DE LEITURA DA NÚBIA onde compartilho as minhas histórias favoritas sugerindo como leituras para os frequentadores do site. Quanto a página QUEM CONTA? ELES E ELAS, apresento os autores da obra que trabalhei em sala de aula, já a página PODCONTAR é onde está postado as histórias em podcast e, por fim, PODTESTAR espaço destinado as atividades que foram realizadas em sala e os textos estudados estão todos no site.

FIGURA 3 INICIO

FIGURA 4 AUTORA

FIGURA 5 DICAS DE LEITURA
DA NÚBIA

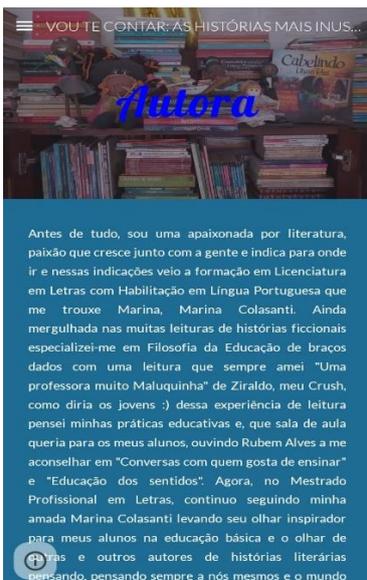
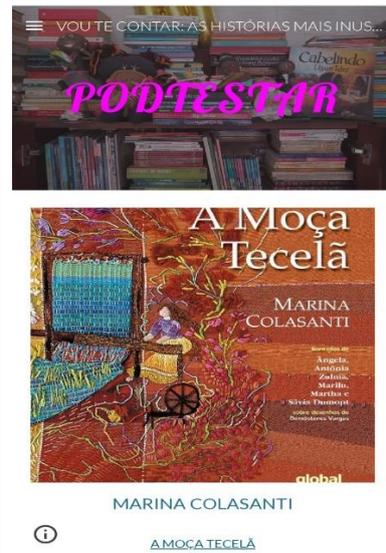


FIGURA 6 QUEM CONTA ELES E ELAS

FIGURA 7 PODCONTAR

FIGURA 8 PODTESTAR



FONTE: <https://sites.google.com/view/vou-te-contar-as-historias/in%C3%ADcio>

As aulas ocorreram em carga horária de doze horas, uma vez por semana, no tempo de uma hora-aula no transcórre de quatro meses começando em 10 de agosto e finalizando no dia 23 de novembro de 2023. No dia 10 de agosto antes de iniciar as aulas conversei com a professora da turma expliquei o que era o meu projeto e perguntei a ela quais eram as dificuldades da turma quanta a leitura, a docente informou que os educandos não conseguiam identificar informações explícitas no texto, por isso durante a aplicação do produto tive esse foco também.

Na primeira aula houve a apresentação do site e os alunos foram orientados a como usar e acessar o podcast, a orientação destinou-se para que eles pudessem ter conhecimento de como funcionaria a dinâmica das aulas.

O estudo de cada texto literário aconteceu da seguinte forma: primeiro a escuta das histórias em podcast, como a narrativa não está completa, foi feito a roda de conversa para reflexão do que já havia sido contado, logo após, a leitura do texto literário, em seguida aconteceu a abertura de outra roda de conversa para falar sobre o texto em sua completude e depois eles responderiam algumas questões relacionadas ao texto por escrito. Após cumprir todas essas etapas, que era realizado o jogo das histórias lidas, os alunos divididos em equipes tinham que responder as perguntas sobre os contos estudados, com premiação para as equipes que se destacassem.

A primeira narrativa trabalhada foi “A moça tecelã” que logo pelo título causou curiosidade na turma, no que deveria ser a história, esse primeiro conto foi uma escuta coletiva com acesso ao site pelo notebook da professora e pelo smartphones de alguns alunos. Após a escuta a curiosidade só aumentou pelo fato da narração não contar a história toda. Na aula seguinte foi iniciada com uma roda de conversa para falar sobre a história, refletir sobre o assunto abordado e saber das possíveis inquietações que a obra tenha causado.

Os alunos tiveram a oportunidade de externar suas impressões, solidarizando-se com a personagem protagonista e ao mesmo tempo na mediação de suas falas a professora ia mostrando as particularidades do gênero discursivo conto, sua estrutura, sua forma narrativa, os personagens, o enredo, o tempo, o espaço em que ocorre a história, questões relacionadas a ficcionalidade, explicando cada parte, para que eles pudessem compreender a estrutura de um conto observando na leitura realizada.

Uma das alunas chamou a atenção para o fato de tudo se passar na casa da protagonista e ela não ter o apoio da família para ajudá-la naquela situação, demonstrando sua sensibilidade e a particularidade do conto que chamou a atenção, outro aluno disse “é sério que não vamos saber como continua a história, professora! ”

As orientações, quanto à estrutura do conto, fizeram parte do planejamento para que eles pudessem ter embasamento quando fossem construir sua própria narrativa, no processo de produção textual que faz parte da proposta da pesquisa, orientação concebida pelo DECEPA (2019, p.133) no descritor (EF67LP30) que diz “Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, de suspense, de mistérios”. Mas infelizmente não houve tempo para que os alunos produzissem suas narrativas, uma semana antes foi necessário finalizar as atividades por conta do calendário de últimas avaliações, antecipado pela SEDUC.

No decorrer das outras aulas houve a leitura do texto literário disponibilizado aos alunos impresso, com abertura de outra roda de conversa para saber o que eles acharam do desfecho da narrativa, assim como, houve ainda o jogo com participação intensa de todas equipes, o jogo iniciou no ginásio de esportes da escola, coloquei a linha de partida e chegada e indiquei os passos que deveriam dar de acordo com a pontuação de cada pergunta feita, mas dessa forma demandou muito tempo e na aula seguinte o jogo foi finalizado na sala de aula e teve premiação com guloseimas e livros de contos de fadas e fábulas.

FIFURA 9 Livros que os alunos receberam como premiação do jogo literário



FONTE: a autora

A abordagem com a narrativa “O roubo do fogo” de Daniel Munduruku, seguiu esse mesmo modelo alterando apenas o calor das discussões no que concerne à temática. Os alunos demonstraram ter um senso crítico forte. A avaliação das atividades executadas pelos educandos ocorreu de forma contínua, durante o processo de realização de cada dinâmica, com as correções das respostas por escrito e oral.

Ao todo foram ouvidas e lidas duas narrativas em sala de aula, pelo motivo supracitado, de antecipação das avaliações finais, a outra narrativa prevista para ser lida em sala “A história das histórias” dos contos africanos ficou para uma próxima oportunidade, mas está disponibilizadas aos alunos mesmo após a conclusão da pesquisa, como incentivo para que eles possam continuar à leitura dos textos, aprofundando seus conhecimentos e desenvolvendo sua autonomia enquanto protagonistas nas atividades escolares.

4.2. Conta mais, professora!

Quando Ananse estava quase adormecendo, ele viu Moatia, a fada que nenhum homem jamais havia visto. (Porque é só quando a gente está quase adormecendo que consegue enxergar as fadas! (Do livro Contos Africanos organizado por Andréia Baía Prestes)

Os alunos mostraram-se motivados com o desenvolvimento das atividades e com a possibilidade de usar tecnologias que fazem parte de seu cotidiano para ampliar seus conhecimentos sobre literatura dentro de sala de aula.

O envolvimento com as tarefas facilitou para compreensão do assunto que estava sendo ministrado e para o exercício de correção e autocorreção no momento que ocorriam as atividades. Houve um momento do jogo sobre a narrativa “O roubo do fogo” que a pergunta era “A que povo pertencia o protagonista da história?”. Na história está Apopocúva e essa era a resposta que eu esperava, no entanto, uma equipe respondeu “ao povo Guarani, professora” e eu disse que não, o correto seria Apopocúva. Então eles argumentaram que lá no glossário diz que os Apopocúva pertencem ao povo Guarani e que no início do texto, também está escrito que era um mito do povo Guarani, só pelo empenho na defesa da resposta, corretíssima, deles levaram sete pontos.

A leitura que eu fazia, tinha o acompanhamento de toda a turma, que colaboravam de forma espontânea. Na proposta de leitura silenciosa para que eles pudessem identificar os elementos da narrativa e aprofundar suas reflexões sobre a temática abordada nos contos era nítido o empenho e o interesse em cumprir bem a tarefa, ajudando os colegas que não sabiam ler.

É importante pontuar que houve algumas dificuldades, mas relacionadas a feriados, a caixinha de som com áudio baixo, contornado pela escuta feita pelos alunos em seus smartphones. Houve ainda equipes que foram reformuladas por ter integrantes que não estavam empenhando-se o suficiente, por isso, durante o processo, novas equipes surgiram, até com um integrante, porque os outros desistiram de participar e esse aluno ficou em segundo lugar no jogo, para seus colegas ele foi o campeão por ter respondido sozinho as perguntas do jogo, é claro que concordei.

Compreende-se desta forma, que os resultados foram satisfatórios, ficou perceptível que os alunos aderiram a proposta, mostrando-se participativos, animados e interessados nas dinâmicas executadas com auxílio do site de contação de histórias.

O empenho nas atividades propostas, como escuta e leitura das histórias, a participação da turma em responder as perguntas que diziam respeito as narrativas, em tirar dúvidas sobre algo que não conheciam nas obras literárias, os contos produzidos pelos educandos revelaram o interesse dos discentes pelo que foi proposto, a aluna que disse ter compartilhado o texto “A

moça tecelã” em seu grupo de whatsapp demonstra esse fato. Compartilhar conhecimento é um dos papéis da escola, democratizar bens culturais, o texto literário faz parte dessa bagagem cultural humana.

5. CONTAR ERA TUDO QUE QUERIA

O presente artigo: *Vou te contar* reforçou ainda mais a importância de se refletir sobre como está acontecendo o ensino de Literatura na Educação Básica do Ensino Fundamental e quais as ferramentas que podem ser usadas até mesmo elaboradas para um agir pedagógico que faça sentido para docentes e discentes em sala de aula. Esse foi o objetivo a construção de um produto educacional por nome “Vou te contar: as histórias mais inusitadas do mundo literário”, tratou-se de um site com contação de histórias do gênero conto no formato de podcast e com foco no ensino de literatura para alunos do 6º ano do ensino fundamental.

Durante a vivências em sala de aula, em cada história contada e lida ficou perceptível o quanto é preciso partir das necessidades, interesses e gostos dos alunos na elaboração de instrumentos como produtos educacionais para aproximar o trabalho escolar do que faz parte da realidade social do educando chamando sua atenção e despertando nele o interesse por realizar as tarefas escolares.

Desta forma, a escola se apresenta como um lugar acolhedor, que desperta a curiosidade, amplia o conhecimento de mundo, de maneira inovadora valendo-se das novas tecnologias, nem tão novas assim, que já fazem parte da realidade do estudante, misturando ao que se tem há tanto tempo, o contar, a contação de histórias em lugares onde os educandos estão, a internet.

Para conhecer essa realidade é preciso ir à fonte, ao aluno, perguntando a ele do que gosta, quais seus interesses, de que forma faz uso dessas novas tecnologias, se faz uso, que foi possível por meio de algo tão simples como a aplicação de um questionário diagnóstico e conversas desinteressadas durante a escrita das respostas.

Entende-se assim, que o professor de Língua Portuguesa não pode se omitir do ensino do texto literário, precisa desenvolver abordagens diferenciadas para que o aluno tenha o conhecimento desse bem cultural necessário à sua formação enquanto cidadão detentor de direitos como uma educação de boa qualidade.

Os resultados alcançados foram satisfatórios e o trabalho desenvolvido apresenta-se como um instrumento que pode ser utilizado em sala de aula e adaptando a abordagem, servir para o ensino de outras disciplinas que queiram o desafio de uma prática pedagógica diferenciada, assim como, abre espaço para outras pesquisas voltadas a reflexão de um ensino

que inova e se renova e não tem medo de buscar nas novas tecnologias métodos de se fazer interessante para o educando.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Cultura Letrada e Leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ALMEIDA, Silvia Cristina Herculano; ANGELIS, Cristiane Cagnoto Mori de; SANTOS, Rosimeire Rodrigues dos; SILVA, Ivaneide Dantas da. *Aprendizagem da Língua Portuguesa*. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S. A, 2017.

BASTOS, Renilda Rodrigues. *Histórias compartilhadas: movimento do corpo e da voz*. Revista sentidos da cultura. Belém, v. 08, n. 15, p. 6-30/2021.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8º ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 7ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. 2º vol.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. 3. Ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1984.

COLASANTI, Marina. *A moça tecelã*. Disponível em: <https://www.angatuba.sp.gov.br/public/admin/globalarq/uploads/files/SUGEST%C3%83O%20DE%20LEITURA%20DI%C3%81RIA%20-%20A%20MO%C3%87A%20TECEL%C3%83%20-%205%C2%BA%20ANO.pdf>. Acesso em: setembro de 2023.

COLASANTI, Marina. *Longe Como o Meu Querer*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

DANIEL MUNDURKU. Grupo editorial Global. Disponível em: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=1000>. Acesso em : 18/12/2023.

DANIEL MUNDURUKU. Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Daniel_Munduruku. Acesso em: 06/11/2023.

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

MACHADO, Regina. *Memoriar a que será que se destina?* Revista sentidos da cultura. Belém, v. 5, n. 8, p. 49-57/2018.

MAGDA SOARES. A escolarização da literatura. In: MARTINS, Aracy Alves Brandão, EVANGELISTA; Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs). *Escolarização da Leitura Literária*. 2º ed. 3º reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa I*. São Paulo: Cultrix, 2006.

MUNDURUKU, Daniel. *Contos Indígenas Brasileiros*. São Paulo: Global, 2005.

PARÁ. Secretaria de Estado de Educação do Pará. *Documento Curricular do Estado do Pará – Etapas Ensino Infantil e Ensino Fundamental*. 2ª ed. Belém: SEDUC-PA, 2019. Disponível em: <

<http://www.seduc.pa.gov.br/site/public/upload/arquivo/bncc/Documento%20Curricular%20Para%20Educacao%20Infantil%20e%20Ensino%20Fundamental%20Do%20Estado%20Do%20Para-c304d.pdf>>. Acesso em: maio 2022.

PRESTES, Andréia Baía. *Contos Africanos*. 1º. Ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2013.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. *ENTRE PLATAFORMAS, ODAS E PROTÓTIPOS: NOVOS MULTILETRAMENTOS EM TEMPOS DE WEB*. Ensino e Aprendizagem. Vol. 38, No 1, p. 1-19, jan-jul. 2017.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Org). *Pedagogia dos Multiletramentos*. In: *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SISTO, Celso. Contar história uma arte maior. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes & MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs). *Memorial do poder: Joinville e resumos do seminário de estudos da linguagem*. Joinville, UNIVILLE, 2007.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

ZUNTHOR, Paul. O intérprete. In. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: editora Hucitec. 1997.